

TRABALHO, VIDA E EXPERIÊNCIA COTIDIANA DAS QUEBRADEIRAS DE COCO DE BABAÇU DO BAIXO MEARIM, ESTADO DO MARANHÃO.

ESMERALDA RIZZO – UPM

Este projeto de pesquisa pretende discutir e questionar a presença das relações de gênero no agroextrativismo e nas propostas de valorização do meio ambiente e do ser humano, realizadas pelas quebradeiras de coco de babaçu, da região do Baixo Mearim, Estado do Maranhão, municípios de Lago do Junco, Lago dos Rodrigues, e Esperantinópolis, comunidade de Ludovico, por meio da Associação em Áreas de Assentamento do Estado do Maranhão (ASSEMA).

A participação das mulheres quebradeiras de coco de babaçu nessa associação é resultado de anos de luta por melhores condições de vida e de trabalho, processos de emancipação, resignificação da identidade feminina e de saberes e organização em movimentos sociais.

A temática de gênero e agricultura familiar vem sendo implementada pelo Programa de Organização das Mulheres Quebradeiras de coco de babaçu, em conjunto com o planejamento de produção agroextrativista, por meio de seminários com as famílias que integram o sistema desenvolvidos pela ASSEMA a cerca de doze anos.

A ASSEMA é uma organização não governamental, sem fins lucrativos, de caráter regional, que tem por objetivo fortalecer as famílias trabalhadoras rurais e quebradeiras de coco de babaçu, que sobrevivem da agricultura e do extrativismo vegetal, ou seja, do agroextrativismo, para reivindicar e propor, junto ao poder público e à iniciativa privada, formas de desenvolvimento sustentável.

Através de seus programas e planejamentos estratégicos essa associação pretende estimular e valorizar a participação da mulher na agricultura, como sujeitos não só da execução, mas também das decisões que envolvem o trabalho com todos produtos relacionados com o coco de babaçu, além de promover a união entre as comunidades da região do Baixo Mearim em prol de um mercado solidário, valorização da cultura local e preservação do meio ambiente.

Através de orientações técnicas, assessoria jurídica e política e metodologias participativas a ASSEMA, vem divulgando as alternativas criadas pelas mulheres quebradeiras, para substituir os métodos tradicionais de se fazer roça que implicava diretamente na queima e derrubada das palmeiras de babaçu.

As mulheres, da região, desde os tempos da colonização, participam do trabalho na agricultura familiar, contudo como ajuda ou complemento do orçamento doméstico,

obedecendo às decisão de onde e como plantar masculina. A partir da organização da ASSEMA novas perspectivas, de inclusão feminina no mercado de trabalho foi construída e conquistada pelas quebradeiras.

Um outro aspecto importante sobre essa associação que se pretende investigar relaciona-se com as formas de acompanhamento ou registros, desenvolvidos pelas integrantes da coordenação. Elas realizam anotações sistemáticas sobre a produção, com o objetivo de proporcionar material suficiente para pesquisas sobre meio ambiente ou questões de gênero.

Afirmam que todas as anotações são válidas para a realização de futuras comparações entre as diferentes experiências vividas dessas mulheres e entre os sistemas agroextrativistas e a agricultura convencional e tradicional.

A ASSEMA, além dessas questões proporciona, ainda, para os pesquisadores interessados em desenvolver trabalhos na área, nos primeiros anos, um incentivo financeiro em forma de diárias pagas, calculadas com base nas atividades realizadas no decurso dos meses trabalhados.

Hoje contamos com um número razoável de trabalhadores técnicos e acadêmicos, ou seja, de trabalhadores que têm o conhecimento técnico, dos impactos do fogo na mata e isso é uma forma de construção (...) de uma outra mentalidade, que leva a mudar a forma de fazer¹.

Assim, a participação dessas mulheres na produção da região não só destaca-se pelo trabalho na roça, mas por meio de propostas de estudos sobre o desenvolvimento sustentável, prática do extrativismo, preservação da floresta secundária que cobre cerca de dez mil hectares com babaçuais e principalmente, sobre a valorização do ser humano e direitos fundamentais. Além de discutir projetos para ampliar o número de adeptos à idéia, e fazer com que as famílias compreendam que a tendência da organização do movimento é o aumento da consciência e produtividade da roça crua, pois a cada ano de cultivo sem o fogo e sem o agrotóxico a terra melhora.

São essas ações que esta pesquisa pretende visibilizar na academia e investigar, pois as mulheres quebradeiras de coco vem conquistando um mercado solidário, a ampliação da Lei do Babaçu Livre nos municípios, criando modelos de políticas públicas que levam em conta projetos alternativos de cultivo, vem mantendo os jovens nas áreas e no trabalho agroextrativista e garantindo a participação das famílias em eventos que tem a questão de gênero como tema central.

¹ Ronaldo Carneiro, técnico da ASSEMA.

Essas ações produzem na região o trabalho em roças orgânicas, por meio de sistemas agoextrativistas com fruteiras tropicais e sistemas integrados, que são inseridos num mercado, chamado solidário ou justo, através de um Programa de Comercialização Solidária criado pela ASSEMA, que segundo o técnico responsável pelo programa, Valdener Miranda, forma redes de organização que buscam preços mais justos para os produtos produzidos e técnicas que preservam a natureza e o trabalho dessas mulheres.

Assim, esta pesquisa investiga, amplia e aprofunda por meio da metodologia da história social, da cultura, oral e de gênero as alternativas econômicas criadas por essas mulheres, para a preservação da produção artesanal, sua cultura, mercado solidário e meio ambiente.

A ASSEMA, atualmente esta lançando no mercado local, nacional e internacional a linha Babaçu Livre, composta pelos produtos: Amêndoa; Óleo Vegetal Orgânico, Farinha do Mesocarpo, Carvão Cocal, Culturas anuais de arroz, milho e feijão, Papel Reciclado, Frutas Desidratadas, Compota de Manga e Sabonete Babaçu Livre, com a finalidade de manter e ampliar o trabalho e a organização dessas mulheres na região.

A fábrica de sabonetes Babaçu Livre é o produto com maior visibilidade, tanto no mercado interno local como externo. Tem sua origem no clube de mães, da comunidade de Ludovico, um povoado pobre situado a trezentos e cinquenta quilômetros de São Luiz, em setembro de 1983, concebida e pensada inicialmente como uma dos mecanismos de complementação da renda familiar. Contudo só entrou em operação dez anos mais tarde, quando recebeu o apoio financeiro da Misereau e Unicef², por meio de um convênio firmado com a Associação das Mulheres Trabalhadoras Rurais – AMTR, entidade que dirige a fábrica viabilizando a produção do sabonete Babaçu Livre numa escala comercial local, nacional e internacional.

A primeira experiência de exportação do produto, cerca de seis mil e setecentas unidades, segundo registros da associação, ocorreu pela primeira vez em outubro de 1997, para a *Pacific Sensual*, uma rede de Motéis sediada em Los Angeles.³

A *Pacific Sensual*, pode ser considerada como a principal cliente da Fábrica de Sabonetes, além da companhia Inglesa *Body Shop*.

Atualmente a fábrica emprega vinte e duas mulheres quebradeiras de coco de babaçu.

² GERUR - Grupo de Estudos Rurais e Urbanos da UFMA. Economia do babaçu, levantamento preliminar de dados, Balaios Typographia, São Luis, 2001. p.126

³ GERUR - Grupo de Estudos Rurais e Urbanos da UFMA. Economia do babaçu, levantamento preliminar de dados, Balaios Typographia, São Luis, 2001. p.126

A nossa experiência com a fabricação do sabonete e a exportação do sabonete para fora do país, ajuda a muda a maneira de pensar e de viver das pessoas daqui(...). Nós aumenta a auto-estima e percebemos que somos valorizadas. Essa luta faz com que nossa participação na ASSEMA e na AMTR(...) como movimento aumenta. Isso abre novas possibilidades de comercialização e de melhora da vida da gente. Agente se organiza e quer mostrar a nossa luta para toda a região, país e até lá fora(...)⁴.

Assim, além da complementação da renda familiar, da conscientização sobre o meio ambiente, da organização de redes comerciais, o produto se destina a veiculação de um forte movimento sócio cultural, que teve início, quando ocorreu o processo de demarcações de grandes porções de terras, para formação de fazendas latifúndios, no Estado do Maranhão.

Durante esse processo, muitas famílias de camponeses foram expulsas da área de ocorrência das palmeiras de coco de babaçu, e impedidas de entrarem nas terras para a realização do trabalho com a coleta e quebra do coco para a extração das amêndoas.

Neste cenário de conflitos nasceram as primeiras organizações dos movimentos, o Movimento Interestadual das Quebradeiras de Coco de Babaçu e Associação em Áreas de Assentamento do Maranhão, para assegurar às famílias camponesas o direito de acesso ao trabalho com o coco.

Dessa mobilização, organizações e ações, direcionadas na maioria pelas mulheres quebradeiras de coco, surgiram ainda, alguns projetos de Leis, dos quais destaca-se a Lei do Babaçu Livre que encontra-se em vigor em âmbito municipal e permite que as mulheres realizem seu trabalho de coleta e quebra do coco para a extração das amêndoas, nos municípios de Lago do Junco, Lago dos Rodrigues, e Esperantinópolis, formando a comunidade de Ludovico.

Estas estruturas de organizações, mais tarde se modernizaram e fundaram cooperativas protegendo e beneficiando a produção da população camponesa que vive da comercialização das amêndoas, cujo destino é processamento em prensas para a extração do óleo, e comercialização no mercado de oleaginosos.

Este aparato organizacional criou campo fértil para a criação da roça orgânica, preocupação com o meio ambiente, crescimento da produção e significativo aumento dos postos de trabalho para absorção da mão de obra juvenil, que nos últimos anos tem se evadido do seio da comunidade e valorização social, cultural e da saúde das famílias de trabalhadores rurais.

⁴ Fragmento do depoimento – entrevista realizado com a Liderança da AMTR, D. Francisca dos Santos Silva.

Assim, a produção com o coco de babaçu representa, para essas mulheres simbolicamente o veículo de resignificação de suas identidades, de uma longa batalha pelo livre acesso aos babaçuais e pela preservação das palmeiras que, proporciona o sustento de centenas de famílias do Estado do Maranhão ⁵.

Por meio do trabalho agrícola familiar e as mini fabricas de beneficiamento dos subprodutos do coco de babaçu essas mulheres, além de criarem a ASSEMA, pretendem ainda interferir e ampliar as discussões sobre todas as questões relacionadas à preservação ambiental, não só das palmeiras de babaçu, fonte de subsistência, mas também da flora em geral, de onde provém remédios e essências exclusivas como a “Folha de Oriza” considerada uma marca importante na identificação das tradições populares da região.

Agente discute muito as coisas da terra, do meio ambiente, por que a vida de uma quebradeira depende de cada palmeira, da terra e da água e as crianças precisam aprender a dar importância a isso. Agente também vai pedir para fala dessas coisas na Escola Rural discutir isso nas aulas para eles desde pequenas conhecer a nossa causa, a nossa luta. ⁶

Assim, esta pesquisa questiona e investiga, a história de uma gente de fibra, que sempre viveu da agricultura e do extrativismo, mas que durante os anos oitenta, passou a enfrentar intensos conflitos agrários, tendo que disputar suas terras com grupos de fazendeiros que investiam na pecuária, desmatando a região e expulsando os trabalhadores da terra. Destaca a ação das mulheres da ASSEMA, por que conseguiram reunir mais outras sessenta associações individuais e dezesseis coletivas, como cooperativas, associações comunitárias de áreas de assentamento, grupos informais e sindicatos de trabalhadoras rurais, além da escola agrícola.

Em seus anos de existência, as mulheres integrantes da ASSEMA, por meio da experiência cotidiana, vêm contribuindo para a conquista do direito ao trabalho, organização em movimentos sociais, fortalecimento do direito à cidadania das famílias agroextrativistas, criação de iniciativas econômicas comunitárias, desenvolvimento sustentável, agricultura ecológica orgânica, combate ao êxodo rural com alternativas que ajudam as pessoas a permanecerem na terra conquistada e crescimento da consciência sobre a valorização da mulher.

⁵ Segundo depoimento da Dona Moça, no vídeo produzido pela TV Cultura, no Programa Caminhos e Parcerias: Quebradeiras, destino de mulher, de 2000.

⁶ Entrevista com Diocina Lopes dos Reis, Líder da AMTR (Associação das Mulheres Trabalhadoras Rurais) realizada em 31/07/2003.

Ações importantes para serem conhecidas, discutidas e debatidas na universidade.

GLOSSÁRIO:

AMTR - Associação das Mulheres Trabalhadoras Rurais

ASSEMA – Associação em Áreas de Assentamentos do Maranhão.

BORDUNA - Peça de madeira, geralmente Goiabeira ou Ipê, para golpear o coco.

GERUR - Grupo de Estudos Rurais e Urbanos

MIQCB – Movimento Interestadual das Quebradeiras de Coco de Babaçu

ORIZO – Erva aromática típica da região